

As epidemias de cólera em Portugal

MARIA ANTÓNIA PIRES DE ALMEIDA

A cólera (*Vibrio cholerae*) transmite-se por via oral-fecal através da água e alimentos contaminados. Provoca diarreia, desidratação, febre alta, vómitos, dores abdominais, seguidos de queda de temperatura corporal e morte. Da Índia propagou-se para a Rússia e depois para a Europa e América pelas rotas comerciais. Em 1832 só em França morreram mais de cem mil pessoas. Esta primeira vaga da epidemia chegou a Portugal em 1833, durante o Cerco do Porto, espalhando-se pelo país e causando mais mortos do que a Guerra Civil.

A prevenção resume-se a medidas de higiene e saneamento básico. A desinfecção da água com cloro, posta em prática na Europa e na América do Norte ao longo do século xx, extinguiu a doença nestas partes do globo, enquanto noutras a doença permanece endémica.

No século XIX a alimentação e as condições sanitárias eram muito deficientes. Beber água era um perigo. Perante o estado de debilidade da população, a cólera espalhou o terror. A segunda vaga começou em Paris em 1849 e atingiu Londres. E a terceira, entre 1852 e 1860, causou mais de um milhão de mortes. Em 1854 o médico John Snow verificou que os casos mortais ocorridos em Londres resultaram de beber água num chafariz. Ao fechá-lo, em poucos dias o foco epidémico cessou. Esta foi a primeira vez que se estabeleceu a relação directa entre a contaminação da água e a doença, que até então se considerava ter como veículos os «miasmas» ou «maus cheiros».

Os Estados reagiram às epidemias com medidas restritivas que privilegiavam cordões sanitários e quarentenas, de consequências económicas tão devastadoras como a própria doença. Em conferências sanitárias internacionais discutiram-se as medidas profiláticas. Os governos da Europa do Norte avançaram com políticas higienistas, abolindo as medidas restritivas à circulação de pessoas e mercadorias. Os países da Europa do Sul mantiveram-nas.

Em Janeiro de 1855 a Andaluzia e a Galiza foram consideradas regiões «sujas», ou «infectadas», o que constituía um perigo directo para as fronteiras portuguesas. A cólera acabou por penetrar em Portugal, pelo rio Douro, em Maio, infectando as populações das vilas ribeirinhas até ao Porto, e mais tarde o Algarve, a partir de Andaluzia. O Porto foi isolado, proibiram-se

feiras, mercados e a própria circulação de pessoas e bens, o que originou protestos, uma vez que a medida afectava a actividade económica e provocava carência e fome.

A partir de Julho o Porto ficou oficialmente infectado, assim como o Minho e todo o Vale do Douro, situação que durou formalmente até Novembro, segundo editais do Fiscal do Conselho de Saúde Pública do Reino, Dr. Mateus Cesário Rodrigues Moacho, símbolo da polícia sanitária e alvo das maiores críticas. As praias ficaram desertas e o turismo sofreu, afectando as povoações costeiras que dependiam das receitas trazidas pelas famílias das elites que deixaram de se deslocar aos seus habituais locais de veraneio.

O Algarve apresentou um cenário mais grave devido à falta de médicos e de assistência. Vilas inteiras ficariam desertas, por morte ou fuga de muitos dos seus habitantes. As pequenas povoações afastadas dos centros urbanos foram as mais afectadas pela falta de assistência, pois os próprios médicos adoeciam e os medicamentos eram inexistentes.

A quarta vaga começou na Rússia em 1865, espalhou-se para o Egipto e sul de França (Marselha). Em Julho já havia casos em Lisboa, o que originou novas operações de limpeza para eliminar os «miasmas pútridos» e os «focos de infecções». Retomaram-se visitas sanitárias pelos delegados de saúde, mas a intensidade da doença não foi tão forte como na epidemia anterior.

Em 1971 a cólera voltou a Portugal, sendo detectada nos bairros de lata de Lisboa, em hortas regadas com água contaminada. Os médicos e as autoridades tomaram consciência das muito precárias condições sanitárias em que se vivia junto à capital. O ministro da Saúde e Assistência, Baltazar Rebelo de Sousa (1921-2002) nomeou Arnaldo Sampaio (1908-84) comissário nacional da campanha contra a epidemia. Realizou-se uma campanha de divulgação de medidas de higiene, vacinação dos grupos de maior risco, desinfecção da água com lixívia, manutenção da rede pública de esgotos, vigilância dos mercados (hortaliça e fruta).

Em 1974 novo surto epidémico atingiu o país, afectando sobretudo Lisboa (1600 casos/41 óbitos), mas também os distritos de Aveiro, Beja, Braga, Porto e Setúbal. No ano seguinte surgiram alguns casos em três distritos, mas o surto foi rapidamente controlado.



